



Capítulo 21

Foto: Ana Elisa Sidrim

Foto: Marcos Luiz Leal Maia

Caju: histórico, clones da Embrapa e sistema de produção

*Luiz Augusto Lopes Serrano
Carlos Alberto Kenji Taniguchi
Dheyne Silva Melo
Marlon Vagner Valentim Martins*

Introdução

O cajueiro (*Anacardium occidentale*) é uma planta símbolo do Brasil, nativa do nosso litoral norte/nordeste. Por esse motivo, o seu cultivo comercial é praticamente realizado no Nordeste brasileiro, pois a região responde por 99,7% da área (≈ 430 mil hectares) e 99,4% da produção de castanhas (≈ 125 mil toneladas) (IBGE, 2022). As principais áreas produtoras estão localizadas no litoral e sertão do Jaguaribe, no Ceará; sudeste do Piauí; e oeste do Rio Grande do Norte. Nessas regiões predominam solos de textura arenosa ($>90\%$ na camada superficial), profundos, pobres em matéria orgânica e nutrientes; temperaturas médias anuais entre 25 a 28 °C e precipitações anuais entre 400 mm (sertão) a 1.200 mm (litoral) distribuídas principalmente entre janeiro a maio.

Histórico

Antes tida como planta de quintal, a partir do final da II Guerra Mundial o óleo extraído da casca da castanha, denominado líquido da castanha-de-caju (LCC), que era utilizado pelos exércitos dos países aliados que montaram base no litoral nordestino, começou a ser demandado para exportação. Daí iniciaram-se os grandes plantios comerciais nos estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. Posteriormente, a amêndoa da castanha-de-caju se tornou o principal produto da cajucultura mundial, tornando-se uma importante commodity, trazendo importantes divisas para o Brasil, uma vez que nas décadas de 1970 e 1980 o país figurava como o segundo maior exportador do mundo (atrás da Índia).

Clones

A mesma espécie apresenta dois tipos de cajueiros, diferenciados pelo porte das plantas: cajueiro-comum (gigante), oriundo da propagação de sementes que, por ser de polinização cruzada, resulta em plantas diferentes umas das outras quanto a coloração da polpa, tamanho das castanhas, tolerância a pragas, doenças e estresse hídrico, dentre outras características; e o cajueiro-anão, que são materiais oriundos do programa de melhoramento genético da Embrapa. Por serem clones, os genótipos de cajueiro-anão resultam em pomares com alta uniformidade das plantas e homogeneidade de seus produtos, polpa e castanha (Figura 21.1). Os clones de cajueiros-anão da Embrapa foram lançados a partir de 1983 e, atualmente, são dez clones disponíveis aos produtores (Vidal Neto et al., 2013). Estima-se que em torno de 35% da área cultivada no Brasil seja com os clones de cajueiro-anão, com destaque para os clones CCP 76 (o mais cultivado e o caju mais consumido no Brasil), Embrapa 51 (importante clone cultivado no sertão semiárido de baixa altitude – até 400 m) e BRS 226 (atualmente o mais plantado no Piauí por apresentar maior tolerância a doenças e ao estresse hídrico) (Figura 21.2).

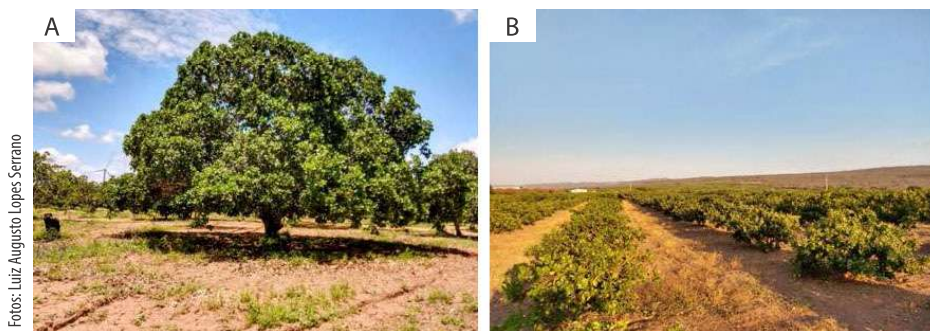


Figura 21.1. Tipos de cajueiro (*Anacardium occidentale*) cultivados comercialmente no Brasil: comum ou gigante (A) e anão (B).



Figura 21.2. Principais clones de cajueiro-anão cultivados no Brasil. Portfólio de clones de cajueiro da Embrapa.

Pelo porte mais baixo das plantas de cajueiro-anão, elevou-se, e muito, o aproveitamento do pedúnculo de caju (polpa), pois com a possibilidade de colhê-los manualmente, favoreceu a obtenção de maior qualidade do caju in natura para feiras e supermercados, além da geração de inúmeros produtos comerciais (Figura 21.3). Da mesma forma, a qualidade das amêndoas melhorou significativamente, pois os lotes passaram a ser mais homogêneos e, por serem colhidas e processadas na hora certa (castanhas acinzentadas), foi possível alcançar os melhores preços pagos por qualidade (amêndoas inteiras de coloração creme clara).

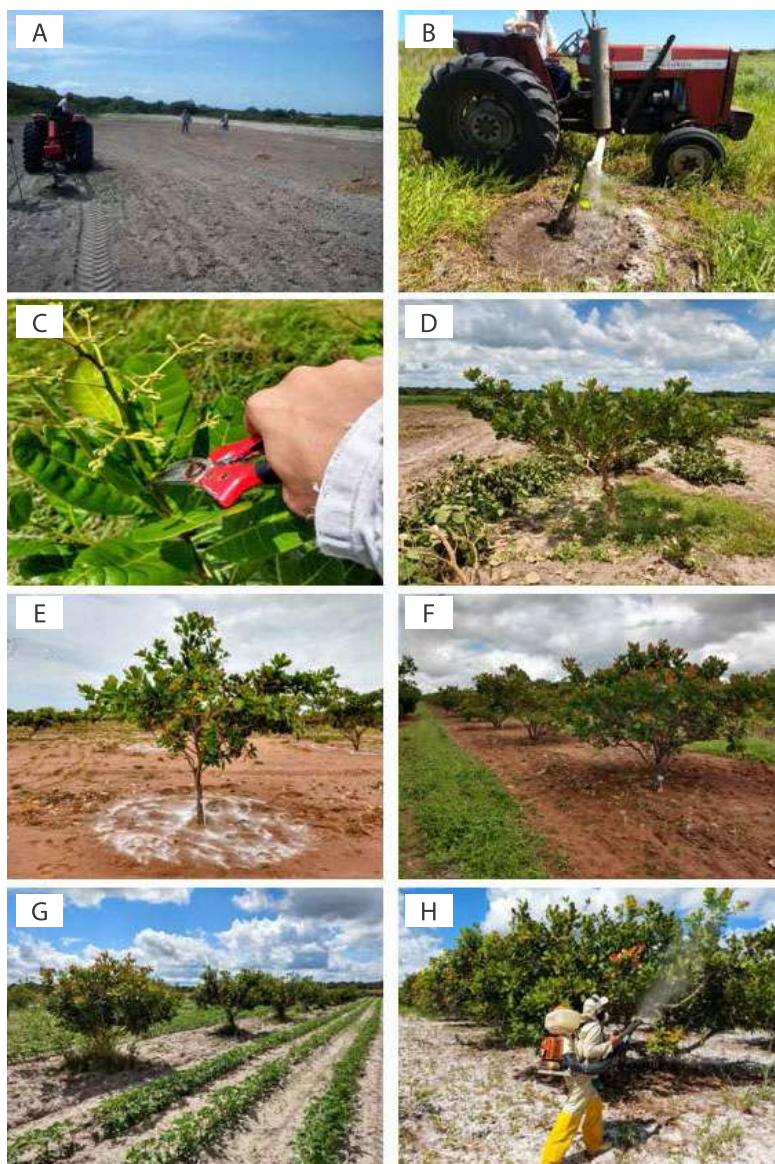


Figura 21.3. Produtos originários dos principais produtos de caju: amêndoa da castanha-de-caju (A) e pedúnculo/polpa de caju (B).

Sistema de produção

Os tratos culturais dispensados à cultura do cajueiro são similares àqueles para as demais frutíferas perenes (Serrano, 2016). Contudo, consideramos as mais minuciosas para o cultivo no Nordeste as seguintes:

- Plantio até o primeiro ano: abertura de covas profundas, se possível com broca perfuradora na estação chuvosa – janeiro a abril (21.4A); molhamento ou irrigação durante a estação seca – junho a dezembro (Figura 21.4B) e retirada de panículas surgidas no primeiro (cultivo irrigado) ou até o segundo ano de plantio (cultivo em sequeiro) (Figura 21.4C).
- A partir do primeiro ano: poda de formação mantendo a copa do tipo taça com tronco sempre livre de ramos rasteiros (Figura 21.4D); calagem e adubação de cobertura (Figura 21.4E); controle de plantas daninhas na linha dos cajueiros (Figura 21.4F); consórcio com culturas anuais no período chuvoso, até o terceiro ou quarto ano do pomar (21.4G); pulverização com adubo foliar e fungicida para o controle do oídio a partir do florescimento – junho a agosto (Figura 21.4H).



Fotos: Luiz Augusto Lopes Serrano

Figura 21.4. Principais práticas adotadas no sistema de produção de caju: abertura de covas profundas (A); molhamento das plantas durante o primeiro ano pós-plantio (B); retirada de panículas até o segundo ano de plantio (C); poda de formação tipo taça (D); adubação anual (E); controle de plantas daninhas na linha das plantas (F); consórcio com culturas anuais no período chuvoso (G); e pulverização com adubo foliar e fungicida para o controle do oídio (H).

Pesquisas em andamento

A Embrapa Agroindústria Tropical, sediada em Fortaleza, CE, em seus 37 anos de existência, contempla pesquisas em praticamente todas as áreas relacionadas à cajucultura, desde o plantio até os benefícios de seus produtos. Em nosso site ([clique aqui para saber mais](#)), é possível encontrar pelo menos 400 publicações relacionadas à cultura.

Considerando os assuntos abordados, três grandes projetos em andamento estão em destaque:

1. Aperfeiçoamento Tecnológico do Manejo de Pomares de Cajueiros para Obtenção de Alta Produtividade (Fase II), cujo objetivo geral é disponibilizar tecnologias para auxiliar os agricultores no manejo do pomar de cajueiro-anão. Visa-se o uso racional do solo, água e insumos, mitigando os impactos ambientais, almejando a expressão do potencial de produção, aumentando a qualidade e a vida útil dos frutos e alcançando uma produção economicamente viável.
2. Estratégias de Manejo Fitossanitário do Cajueiro-Anão para as Principais Regiões Produtoras do Nordeste Brasileiro, com o objetivo principal de estabelecer estratégias de manejo e suporte fitossanitário ao cajueiro-anão nas principais regiões produtoras do Nordeste Brasileiro.
3. Melhoramento Genético do Cajueiro (Fase V), com o objetivo geral de desenvolver clones de cajueiro, com o auxílio de ferramentas de biotecnologia, que possuam adaptação ampla ou específica aos diferentes ambientes de cultivo, elevada produtividade, maior tolerância às principais pragas e doenças e melhor qualidade de amêndoa e pedúnculo.

Considerações finais

A cajucultura nacional apresenta uma imensa importância socioeconômica para o país, por gerar empregos e rendas nas regiões consideradas mais pobres do país.

‘O caju é o ouro do sertão semiárido brasileiro!’

Referências

IBGE. **Levantamento sistemático da produção agrícola**, 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 10 maio 2022.

SERRANO, L. A. L. **Sistema de produção do caju**. 2. ed. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2016. Disponível em: <https://shre.ink/D5rQ>. Acesso em: 12 abr. 2022.

VIDAL NETO, F. C.; BARROS, L. M.; CAVALCANTI, J. J. V.; MELO, D. S. Melhoramento genético e cultivares de cajueiro. In: ARAÚJO, J. P. P. (ed.). **Agronegócio caju**: práticas e inovações. Brasília, DF: Embrapa, 2013. parte 7, cap. 2, p. 481-508.

Assista à palestra



[clique aqui](#)